



O Distrito Industrial dos Imborés e seu papel no crescimento econômicos de Vitória da Conquista: uma análise do período 2010-2020

Eixo Temático: GT3 – Microeconomia, Economia Industrial, Tecnologia, Inovação, Big data e Inteligência Artificial

Milly Kelly Santos Sousa¹

RESUMO

Este relato de pesquisa em andamento trata sobre o Distrito Industrial dos Imborés e seu papel no seu no crescimento econômico de Vitória da Conquista-BA. Com recorte temporal de 2010 a 2020, o trabalho tem por objetivo principal compreender o impacto da atividade industrial exercida sobre o PIB e a renda per capita do município, como variáveis *proxy* do crescimento econômico e também da taxa de ocupação. Essa pesquisa disserta brevemente sobre o processo de industrialização brasileiro iniciado no período da década de 1930, destacando principalmente a política estratégica de industrialização baiana caracterizada pela formação dos distritos industriais na década de 1970. Ancorado nas teorias de pólos de crescimento de Perroux e a formação de distritos industriais marshallianos, o trabalho pretende apontar a relevância da atividade industrial para a formulação de políticas públicas de desenvolvimento econômico e a diminuição das desigualdades econômicas regionais. Além de argumentar sobre a falta de continuidade de políticas microeconômicas para a manutenção e desenvolvimento das atividades industriais, com destaque para externalidades negativas sobre o dinamismo da economia de Vitória da Conquista e o desempenho do Distrito Industrial dos Imborés.

Palavras-Chave: Economia; Distrito Industrial; Vitória da Conquista

INTRODUÇÃO

Conforme Cavalcanti (2008) a década de 1950 é marcada pela preocupação sobre o desenvolvimento econômico regional no ambiente acadêmico e político em todo o mundo. Os quais, cabe destacar a formulação de teorias, como por exemplo: a teoria dos polos de Perroux (1955); a causação circular cumulativa de Myrday (1957) e os “efeitos para trás e para frente” de Hirschman (1958). Sobre essas teorias destaca-se apenas que essas elas identificaram que

¹ Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Discente da Especialização em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional na UESB. Email: millykelly10@gmail.com



diferentes regiões em um país se desenvolvem de maneira distintas e que a indústria tem a capacidade de mitigar essas desigualdades econômicas.

Na proporção que desenvolvimento industrial — que é um setor intensivo em capital fixo (máquinas e equipamentos), mão de obra, com capacidade de promoção de pesquisa e desenvolvimento (P&D), inovação e tecnologia — diretamente impacta sobre o crescimento econômico de uma região, esse setor indiretamente cria uma cadeia de suprimentos e serviços que se relacionaram com o ramo da atividade industrial. Podendo então, a cadeia produtiva contribuir para o desenvolvimento da região e dos seus indicadores de Produto Interno Bruto (PIB), renda per capita e taxa de ocupação.

Dispondo do conhecimento teórico sobre o tema, a Cepal (Comissão Econômica para a América-Latina e Caribe) ao longo do século passado, desenvolveu inúmeros estudos sobre as causas do atraso de desenvolvimento econômico dos países latino-americanos. A partir deles elaborou um receituário baseado na criação e progresso do setor industrial como estratégia política para superação das condições de subdesenvolvimento dos países latino-americanos.

No Brasil, a política econômica de industrialização iniciou-se na década de 1930 com a criação do Processo de Substituição de Importações (PSI), o qual garantiu a importação de máquinas e equipamentos necessários para a instalação das primeiras indústrias, bem como o financiamento da infraestrutura necessária para garantir o desenvolvimento dessa atividade ao longo das décadas subsequentes.

Em termos regionais foram pensadas políticas voltadas para promover a industrialização e o desenvolvimento regional. Para tal, foi criado no Nordeste, a Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) que ficou encarregada dessa atividade. Esta contribuiu para a implantação da Refinaria Landolfo Alves no final da década de 1950 e posteriormente a criados os distritos industriais no interior do estado, o Polo petroquímico de Camaçari e o Centro Industrial de Aratu na década de 1970.

O Distrito Industrial dos Imborés foi criado em 1975 em Vitória da Conquista, município este, que na época tinha uma atividade agrícola incipiente de café e mandioca e, um setor de serviço diversificado. Com o passar dos anos, Vitória da Conquista se consolidou como terceiro maior município do estado da Bahia. Enquanto, o Distrito Industrial também evoluiu, a ponto de contar com 63 empresas e órgãos instalados em 2017, e tendo como principais ramos de atividade a: indústria plástica, galpões de estocagem, de moagem de café, indústria civil, produção de estofados, bebidas e produtos de limpeza. (SEI, 2017)



Para a elaboração desse trabalho, a metodologia utiliza o método dedutivo de abordagem. Já como método de procedimento será o método histórico, pois fez-se necessário historicizar acerca dos processos de industrialização brasileiro e baiano. Ainda como elemento metodológico para viabilizar o estudo, foi utilizado como técnicas de pesquisa a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, além do levantamento de dados disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Superintendência de Estudos Econômicos da Bahia (SEI- BAHIA) e pela Associação das Indústrias de Vitória da Conquista (AINVIC).

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho demonstra sua importância ao apresentar os impactos da atividade industrial sobre o crescimento econômico de uma determinada região, sobretudo quando se analisa os efeitos desse setor sobre indicadores econômicos como renda per capita, PIB e emprego. Bem como, a avaliação de uma política industrial sobre os níveis de desenvolvimento econômico em diferentes regiões geográficas.

Essa pesquisa retorna discussões sobre a econômica industrial em meio a ausência de políticas macroeconômicas direcionadas ao desenvolvimento e manutenção do setor. Evidenciar o papel do distrito industrial sobre o crescimento econômico de Vitória da Conquista pode contribuir para elaboração de projetos de pesquisa especializados na atividade, mas também em ações de incentivo do Poder Público à atividade industrial.

Os resultados dessa pesquisa além de evidenciar os impactos sobre o crescimento econômico do município, pretende expor as dificuldades que o próprio Distrito Industrial possui para se expandir e com isso serem criados relatório para a própria AINVIC tentar solucionar alguns desses empecilhos.

OBJETIVO GERAL

Verificar qual o papel do Distrito Industrial dos Imborés sobre o crescimento econômico de Vitória da Conquista no período de 2010 a 2022, tendo como base a análise dos dados sobre emprego, renda per capita e PIB. Bem como, compreender os conceitos e as discussões teóricas



sobre desenvolvimento regional e sua correlação com a existência de distritos industriais, ao fim obter fundamentação suficiente para estudar o Distrito Industrial dos Imborés.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Origens da Indústria Brasileira
2. Industrialização na Bahia e os Distritos Industriais
3. O Distrito Industrial Dos Imborés em Vitória da Conquista

METODOLOGIA

Esse trabalho terá como fundamentos básicos as teorias de Perroux (1955) sobre “pólos de crescimento”, Myrdal (1957) com suas contribuições “causação circular e cumulativa”, Hirschman (1958) “efeitos para frente e para trás”; pois esses trabalhos abordam concepções sobre o desenvolvimento econômico e suas ligações com a atividade industrial. Também serão feitos estudos sobre as discussões e conceitos de distritos industriais de Alfred Marshall e clusters de Michael Porter.

Para elaboração deste trabalho, o método de abordagem é o dedutivo. O método de procedimento é histórico e as técnicas de pesquisas utilizadas compreenderam pesquisas bibliográficas e documental, além dos levantamentos de dados oficiais como: Ministério do Trabalho e Emprego, através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Superintendência de Estudos Econômicos da Bahia (SEI-BAHIA) e pela Associação das Indústrias de Vitória da Conquista (AINVIC).

SESSÕES DO ARTIGO

1. AS ORIGENS DA INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

O processo de industrialização brasileiro inicia-se em um cenário econômico desfavorável para a economia local, devido principalmente à depressão econômica causada pelos prejuízos da Primeira Guerra Mundial e a crise da bolsa de valores Norte-Americana de 1929. E internamente, pela crise do Café — principal item de exportação na época — que a tempos



vinham apresentando quedas na quantidade exportada.

Em meio à crise internacional, a retração da demanda internacional por *commodities* e a escassez de divisas internas, o Brasil mudou sua política macroeconômica, A política que outrora era baseada na agroexportação passa a pensar na formação e na consolidação do setor industrial. O objetivo era superar o estágio de depressão econômica, diminuir a dependência externa e retomar o crescimento econômico do país.

Essa aposta no setor industrial vim linha diversos pensamentos teóricos existentes como: como Kaldor (1966) e Raúl Prebisch (2000) que em suas diferentes investigações chegam à mesma conclusão, no qual a industrialização é o melhor caminho para garantir o crescimento econômico sustentável a longo prazo.

No trabalho de Kaldor (1966) destaca-se a capacidade da indústria como indutora de outras atividades econômicas, a chamada força motriz que a indústria de transformação possui. É com essa atividade que se obtém retornos crescentes à escala, aumento de produtividade, incremento de tecnologia e absorção em grande escala de mão de obra. (LAMONICA; FEIJÓ, 2007)

Prebisch (2000) destaca que o setor industrial que integra outros setores da economia e ao mesmo tempo consegue elevar o Produto Interno Bruto, as exportações e o emprego na economia. Com base nesse pensamento, o Governo de Getúlio Vargas implantou o Processo de Substituição de Importações (PSI), com o intuito de iniciar a construção do parque industrial brasileiro e da infraestrutura necessária.

Dentro da nova política macroeconômica, o PSI foi utilizado como estratégia para a compra de máquinas e equipamentos destinados ao parque industrial. Devido a escassez de divisas, todos os outros bens não essenciais deixaram de ser importados para garantir a execução do Plano Nacional de Industrialização.

Segundo Matos e Alvarenga Júnior (2021) o início processo de industrialização da década de 1930, só foi possível devido a capacidade ociosa do setor industrial, afinal pouquíssimas unidades fabris existiam até aquele momento. Em consonância Suzigan (2000) destaca a importância do setor agrícola como principal financiador dessa política, dada a escassez de divisas na época, foram as exportações de *commodities* (café e açúcar) que angariaram as receitas.

No início da década de 1940 as primeiras indústrias de base começaram a surgir, como por exemplo: a Companhia Siderúrgica Nacional (1940), Companhia Vale do Rio Doce, a Fábrica Nacional de Motores (1943) e a Companhia Nacional de Álcalis (1943). Empresas estas que



Matos, Alvarenga Júnior (2021) destacam como importantes fornecedoras de matéria-prima e insumo para demais atividades industriais criadas em sequência.

Na década seguinte é criado um dos principais agentes financiadores da política industrial brasileira, conforme Moraes (2021) o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Pois na ausência de Capital privado ou estrangeiro suficiente para execução das obras e desenvolvimento das atividades industriais foram supridas pelas linhas de crédito disponibilizadas pelo BNDE.

Vale salientar, a importância da instrução 70 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC) de 1953 que instituiu o sistema de câmbio múltiplo e os leilões cambiais, o qual permitiu a captação de recursos destinados ao financiamento das obras de infraestrutura e a proteção à indústria nascente. (SOUSA, 2021)

Ainda na década de 1950 é criado o plano de metas do governo de Juscelino Kubitschek. Nesse programa, a polícia macroeconômica tinha como foco cinco setores prioritários: energia, transporte, indústria de base, alimentação e educação, os quais receberam recursos do Governo Federal para sua manutenção e fortalecimento das atividades. Além disso, Kubitschek reformulou a política cambial que possibilitou a aceleração do PSI e consecutivamente o aumento da produção de bens de capital.

É nesse período que Suzigan (2000) afirma que a Indústria Nacional passa a ter maior dinamismo, pois passa a expandir o seu mercado interno e, de maneira consistente aumenta suas exportações de produtos manufaturados. Por fim, o acelerado crescimento da atividade industrial ao longo das décadas de 1930 a 1970, apesar das dificuldades, conferiu ao Brasil uma alavancagem no nível do crescimento econômico, tanto no PIB, quanto no nível de ocupação do mercado de trabalho.

Na próxima seção discutiremos sobre o processo de industrialização baiano, como ele ocorreu e quais seus impactos sobre o crescimento econômico do estado. Bem como, a formação dos distritos industriais no interior da Bahia e quais foram o papel desempenhado no desenvolvimento regional.

2. INDUSTRIALIZAÇÃO NA BAHIA E OS DISTRITOS INDUSTRIAIS

Em 1950 a Bahia possuía um baixo nível de crescimento e desenvolvimento econômico em linha com a queda nas exportações de café e cacau — principais produtos de exportação do



estado — implicava no baixo dinamismo econômico do Estado. Com o início da industrialização nacional na década de 1930, estudos questionaram quais as razões para a Bahia não se industrializar, o porquê de não seguir a política nacional? Esse questionamento levou à formulação do termo “enigma baiano”. (ALBAN, 2005)

Segundo Alban (2005) o “enigma baiano” levou inúmeros pesquisadores na época a buscar uma fórmula para resolver os impasses da não industrialização no Estado ou simplesmente entender o porquê de não iniciar o processo de industrialização. Alguns pesquisadores apontaram que eram por questões políticas, outros pela força da elite agrária que dificultava todas as iniciativas. Para se ter uma noção sobre os dados da atividade industrial na Bahia, até a década 1950, observe o trecho a seguir:

O problema era expresso da seguinte forma: enquanto no século passado a Bahia contava com uma indústria de transformação relativamente diversificada, nas décadas de quarenta e cinquenta ela se concentrava no setor alimentício (padarias, torrefação de café, moinhos), notando-se uma impressionante estagnação dos setores têxtil e fumageiro. Essa estagnação, ou decadência, se refletia em números: em 1920, a participação da indústria baiana no total do país era de 3,5%, quando medida pelo capital aplicado, 4,0% pela força motriz utilizada, 5,7% pelo número de trabalhadores e 2,8% pelo valor da produção. Já em 1940, esses números eram, respectivamente, 1,9%, 2,3%, 3,3% e 1,3%. (TEIXEIRA; GUERRA, 2000, p 2)

O destaque de Teixeira e Guerra (2000) evidencia o baixo nível de participação da atividade industrial baiana na produção nacional, bem como a ínfima quantidade de trabalhadores empregados no setor. Em resumo, “praticamente” não existia atividade industrial na Bahia até 1950, agregado a isso o estado não possuía uma reserva financeira e o excedente das exportações de *commodities* não era suficiente para gerar crescimento econômico, conforme de Alban (2005). A Bahia estava ficando atrasada economicamente em relação a outros estados do Nordeste e perdendo o estímulo da política nacional de industrialização.

Conforme Alban (2005). Essa realidade só começou a ser transformada com a criação do Plano de Desenvolvimento do Estado (PLANDEB) criado por uma Comissão de Estudos Econômicos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1950. Que cria um plano de industrialização para a Bahia.

Ainda conforme o mesmo autor anterior, o PLANDEB colaborou para o início do processo de industrialização na Bahia. A ideia era produzir bens intermediários para atender o mercado interno do país que estava em ampla expansão devido ao Processo de Substituição de Importações (PSI). Segundo Teixeira e Guerra (2000) apesar das diversas dificuldades de implementação dos projetos do PLANDEB, as primeiras indústrias de calçados, laticínios e



frigoríficos surgiram ainda na década de 1950.

Teixeira e Guerra (2000) vão destacar que o processo de industrialização baiano começa realmente avança com a descoberta de petróleo na região do Recôncavo Baiano, o que possibilitou o planejamento de uma indústria petroquímica. Mas antes de materializar a ideia da Petrobras, atividades primárias foram criadas como a refinaria de petróleo em Madre Tereza; devido a essa refinaria surgiram outras fábricas com atividades correlacionadas como: Companhia de Carbonos Coloidais, Companhia Brasileira de Lubrificantes e a Fábrica de Vaselina da Bahia.

Posteriormente, surgiu a Refinaria Landulfo Alves ainda na década de 1950 e essa sim, foi a indústria que impulsionou a criação da Petrobrás 1953. Com o desenvolvimento da cadeia de produção petroquímica ao se desenvolver levou a criação do pólo petroquímico de Camaçari em 1974. Mas para começar a descentralizar a produção industrial nos entornos de Salvador, a SUDENE incentivou a criação do Centro Industrial de Aratu em 1966 e posteriormente dos distritos industriais no interior do estado. (TEIXEIRA; GUERRA, 2000; ALBAN, 2005)

Ainda segundo os mesmos autores anteriores, a preocupação com o desenvolvimento no interior do estado foi essencial para aumentar a produtividade industrial, a taxa de ocupação e principalmente diminuir os fluxos migratórios para a região metropolitana. Bem como, possibilitou a criação de infraestrutura, transporte e energia em regiões que outrora não tinha possuía ou era insuficiente para atender as demandas da sociedade e do empresariado industrial. Veja a seguir um trecho sobre os efeitos dessa política regional de desenvolvimento:

O número de projetos atraídos para o CIA e demais distritos industriais baianos foi impressionante. Em dezembro de 1969, haviam 100 projetos aprovados pela Sudene, dos quais 37 em funcionamento, 43 em análise e 33 com carta de opção para virem a se instalar. Todos esses investimentos criariam um total de mais de 30 mil empregos diretos. Ao contrário do que recomendava o GTDN, porém, 85% por cento dos investimentos destinavam-se ao setor de bens intermediários, revelando, desde então, a vocação industrial do estado. (TEIXEIRA, GUERRA, 2000, p 4-5)

O processo de industrialização baiano durante as décadas de 1950 a 1980 foi um completo sucesso, quando se trata da geração de empregos, crescimento do PIB, participação nos agregados da produção nacional, na arrecadação de impostos e principalmente no desenvolvimento econômico do estado. Observe a seguir dados sobre a indústria de transformação baiana.

O segmento químico/ petroquímico, em 1985, já respondia por mais da metade do Valor Agregado Bruto (VAB) da indústria de transformação (CPE, 1990). Dez anos depois, ou



seja, em 1995, representava 12% do PIB e 25% da arrecadação do estado da Bahia com uma produção de 5 milhões de toneladas por ano, o que significava algo em torno de 55% da produção nacional (...) Os impactos para a receita estadual também foram expressivos com o crescimento e desenvolvimento do setor químico/petroquímico, nova mola propulsora da economia baiana. A arrecadação industrial de ICM, por exemplo, cresceu de 30,4% no ano de 1975 para 55,8% em 1985. (PESSOTI; PESSOTI, 2010, p 32)

Os efeitos positivos da indústria petroquímica na Bahia foi apenas um dos casos de sucesso do projeto de industrialização. Será apresentado em outra seção deste trabalho, informações sobre os distritos industriais e suas contribuições para o crescimento econômico de municípios no interior do Estado e principalmente no desenvolvimento econômico de Vitória da Conquista.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

É notório que a atividade industrial tem uma capacidade de transformação e desenvolvimento econômico localizada, tanto por sua característica de ser uma atividade intensiva em mão de obra e tecnologia, mas também pela capacidade de induzir outras atividades produtivas, seja na área agrícola ou de serviços. A cadeia produtiva de uma indústria não se restringe a sua linha de produção, ela também gera demanda em outros segmentos e por causa dessas externalidades que o dinamismo econômico de uma região ou setor pode ser diretamente influenciado pela atividade industrial.

A Bahia é um exemplo claro do “poder” de transformação que o setor industrial possui, afinal um estado que não tinha participação na produção nacional, dependente das exportações de *commodities* e sem dívidas para promover seu desenvolvimento econômico. Encontrou na política industrial uma estratégia para diminuir as desigualdades econômicas inter regionais do estado, promover a infraestrutura (transporte, energia e *etc.*) no interior e ainda gerar empregos.

Cabe agora continuar a pesquisa para analisar os dados dos distritos industriais e seus impactos sobre o crescimento econômico em uma breve perspectiva histórica, pois o objetivo é centralizar as análises no município de Vitória da Conquista. Num panorama geral, serão apresentadas as vantagens e desvantagens da política de industrialização sobre os indicadores do PIB, renda per capita e emprego do município conquistense e também apontar os efeitos da ausência de uma política industrial eficaz no período de 2010 a 2020.

REFERÊNCIAS



ALBAN, MARCUS. **O Novo Enigma Baiano, a Questão Urbana-Regional e a Alternativa de uma Nova Capital**. Salvador. UFBA. 2005. Disponível em:
<<http://www.xienanpur.ufba.br/232.pdf>>. Acesso em 25 ago 2023

CARVALHO, David Ferreira. **Complexo industrial, inovações tecnológicas e desenvolvimento regional**: uma abordagem analítica como suporte ao planejamento do desenvolvimento industrial. Belém. Papers do NAEA. Universidade Federal do Pará. 1997. Disponível em:< <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/11877/0>>. Acesso em 09 mar. 2023.

PESSOTI, Bruno Casseb; PESSOTI, Gustavo Casseb. **Economia Baiana e o Desenvolvimento Industrial**: Uma Análise do Período 1978-2010. Salvador. Revista de Desenvolvimento Econômico. 2010. Disponível em:
<<https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/1514/1199>> Acesso em 30 ago. 2023

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O processo histórico do desenvolvimento econômico**. São Paulo. 2007. Disponível em:
<<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2007/07.21.ProcessoHistoricoDoDesenvolvEconomico-Agosto23.pdf>>. Acesso em 06 mar. 2023

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Rio de Janeiro. Editora Record. 2000. v. 1. p. 69-136.

SPINOLA, Noelio Dantaslé. **A implantação de distritos industriais como política de fomento ao desenvolvimento regional**: o caso da Bahia. Salvador. Revista de desenvolvimento econômico. 2001. Disponível em:
<<https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/download/592/435>>. Acesso em 06 mar. 2023

SUZIGAN, Wilson. Industrialização brasileira em perspectiva histórica. In: Universidade Estadual de Campinas. História Econômica e História de Empresas. São Paulo. Anais... São Paulo: Unicamp. 2000. Disponível em:
<<https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/143/99>>. Acessado em: 09 mar. 2023.

TAVARES, Maria da Conceição. Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 8ª ed. 1979

TEIXEIRA, Francisco Lima Cruz; GUERRA, Oswaldo Ferreira; SOUSA, Silvio Vanderlei Araújo. **Limites para uma dinâmica endógena na economia baiana**. Salvador. Bahia Análise e Dados. Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2011. Disponível em: <
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25633>>. Acesso em 06 mar. 2023

TEIXEIRA, Francisco Lima Cruz; GUERRA, Oswaldo Ferreira. **50 Anos da Industrialização Baiana**: Do Enigma a uma Dinâmica Exógena e Espasmódica. Salvador. Bahia Análise e Dados. Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2000. Disponível em:



<https://www.researchgate.net/publication/269104168_50_Anos_de_Industrializacao_Baiana_Do_Enigma_a_uma_Dinamica_Exogena_e_Espasmodica>. Acesso em 31 ago 2023

TEIXEIRA, Francisco Lima Cruz; SOUSA, Sílvio Vanderlei Araújo. **Desenvolvimento Regional e Aglomerações Produtivas na Bahia**: uma visão a partir do emprego e dos territórios de identidade. Salvador. Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2011. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25675>>. Acesso em 07 mar. 2023